

“COM ENTHUSIASMO, NESSAS MANIFESTAÇÕES DE PATRIOTISMO”: O IHGRN E AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA EM 1922

Alícia de Brito Meneghetti Cunha¹

Resumo: Essa nota de pesquisa tem por objetivo analisar como ao longo dos primeiros decênios do século XX, ocorreu um amplo investimento no processo de construção do passado do Rio Grande do Norte no cenário intelectual, principalmente, por meio da revista do IHGRN. O periódico atuou na função de coletar e armazenar informações acerca do passado estadual. Assim, a construção desse passado emergia nas páginas por meio do relato de festas, eventos, nomes de destaque e elementos do gênero que caracterizavam a face do Rio Grande do Norte. Neste artigo, analiso as comemorações promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte sobre o Centenário da Independência em 1922. A pesquisa pautou-se nos textos publicados na revista do IHGRN, por meio de um número dedicado à questão. Dessa forma é possível entender como esse evento contribuiu para a preservação do patrimônio e promover a invenção de um passado potiguar.

Palavras-chave: Centenário da Independência; IHGRN; Celebração.

“WITH ENTHUSIASM, IN THESE MANIFESTATIONS OF PATRIOTISM”: THE IHGRN AND THE COMMEMORATIONS OF THE CENTENARY OF INDEPENDENCE IN 1922

Abstract: This research note aims to analyze how during the first decades of the 20th century, there was a large investment in the process of building the past of Rio Grande do Norte in the intellectual scene, mainly through the IHGRN magazine. The periodical acted in the function of collecting and storing information about the state's past. Thus, the construction of this past emerged on the pages through the account of parties, events, prominent names and elements of the genre that characterized the face of Rio Grande do Norte. In this article, I analyze the celebrations promoted by the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Norte on the Centenary of Independence in 1922. The research was based on texts published in the IHGRN

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista do projeto “Um passado a ser celebrado: comemorações e efemérides no IHGRN (1917-1922)”. Contato: aliciabmeneghetti@gmail.com.

magazine, through an issue dedicated to the issue. In this way, it is possible to understand how this event contributed to the preservation of heritage and to promote the invention of a Potiguar past.

Keywords: Centenary of Independence; HGIRN; Celebration.

Introdução

Sobre os moldes de uma nação, a dedicação empenhada em construir e legitimar uma história republicana, durante toda a Primeira República, se desdobrou em expressões artísticas, intelectuais e culturais referentes à valorização e difusão de valores atrelados ao período. Nesse momento de ascensão de novas demandas nos fazeres históricos foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1902, que tinha como objetivo central a pesquisa, sistematização e divulgação de um passado regional. A historiografia potiguar se materializou dentro desse espaço por meio da presença de expoentes intelectuais e da reunião de documentos acerca de algumas temáticas centrais da escrita da história regional, como o ensino de história e o patrimônio cultural.

Além da organização dos documentos do Rio Grande do Norte, o IHGRN encarregou-se também da produção da memória histórica do estado. Não é por acaso que a principal atividade intelectual desenvolvida pela agremiação, ao longo dos seus primeiros vinte e cinco anos, foi a publicação de sua revista.

Além de destacar quais saberes seriam contemplados pela revista, o excerto supracitado mostra que a prioridade do IHGRN era a realização de pesquisas concernentes à vida do povo potiguar ao longo do tempo. (COSTA, 2020, p. 14).

Desse modo, com o intuito de preservar as memórias, o periódico do IHGRN se dedicou a relatar os desdobramentos do Centenário da Independência de 1922 no Rio Grande de Norte. Em sua tese de doutorado, Rodrigo Bragio Bonaldo apresenta as comemorações referentes a centenários que começaram a emergir no final do século XIX a exemplo do centenário da revolução francesa (1876), os festejos do descobrimento da América (1892) e o aniversário da colonização (1888), o autor ainda afirma que os celebrantes

tendem a encarnar os ancestrais daquele espaço, e evocar tanto símbolos como valores morais para definir sua identidade.

Na sessão de 10 de setembro de 1916, o Deputado José Augusto levantou a pauta do quão seria conveniente que o Instituto Histórico elaborasse um trabalho sobre o desenvolvimento do Rio Grande do Norte na temporalidade referente ao primeiro século da Independência Nacional, levando em conta aspectos de atividade material e intelectual, ou seja, a herança patrimonial potiguar.² O IHGRN, portanto, foi a instituição pioneira, dentro do contexto rio norte grandense, em representar o transcurso do primeiro centenário da emancipação política. Desse modo a revista do Instituto possuía a possibilidade de iniciar a organização e tomar providências acerca das configurações da comemoração. De modo que isso lhe foi concedido por lei:

Art. 2º—O Governador poderá incumbir ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado de organizar o programma dessa commemoração pelo modo que mais se coadune com a indole e a cultura do Rio Grande do Norte, revogadas as disposições em contrario. (IHGRN, 1922, p. 17-18)

A mobilização de elementos que contribuíram para a celebração do centenário em solo potiguar, demonstra as potencialidades que a *memória coletiva*³ (HALBWACHS, 2003) possui, o argumento se sustenta em grupos que organizam, transmitem e tornam possíveis as suas lembranças. Também, o quanto esses desdobramentos podem ser explorados, de forma a contribuir dentro da sociedade, especificamente no ensino e construção de um passado coerente e fidedigno.

Dessa maneira, a seleção do Centenário da Independência de 1922 como recorte para análise, se configura na sua carga histórica e na abundância de elementos temáticos, que podem ser explorados dentro dos

² REVISTA DO IHGRN. Natal, RN: Typographia M. Victorino A. Câmara & C., volume XIX, ns. 1 e 2, 1922, p 15-16

³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

estudos sobre a celebração. Ao se debruçar sobre as celebrações dessa efeméride, vivenciada na nação, consegue-se refletir acerca de diversas temporalidades, suas rupturas e continuidades. Em suas análises sobre o *centenário da independência no Rio de Janeiro*, Marly Silva da Motta afirma: “o sete de setembro de 1922 pôde articular presente/passado/futuro ao ensejar o balanço obrigatório dos acontecimentos passados, a avaliação dos feitos presentes e a perspectiva de realizações futuras do país” (MOTTA, 1922, p. 3). Essa perspectiva evidencia o espaço que essas datas comemorativas ocupam na estruturação que se tem do passado, e desperta um cuidado com as atribuições evocadas no presente. Uma questão a ser pontuada é a disputa pela construção do período recuado como uma resposta às aspirações presentes, e também a construção de futuros possíveis.⁴ É importante ressaltar que o esforço da revista na elaboração da narrativa tem como pano de fundo uma ação pensada pelos sócios intelectuais do IHGRN, com intenção política de inventar uma identidade estadual gestada desde o momento de fundação da instituição

“Do imaginário ao concreto”: a história vislumbrada na retina

Sob o terreno fértil da virada da década de 1910 para 1920, momento em que se constituía um cenário nacionalista devido à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), somado com a aproximação do Centenário da Independência gerou espaço para ações que fomentassem esse sentimento nacional e patriótico. Tudo isso se traduziu em festejos do centenário, porém mais que isso, se manifestou por meio de monumentos e símbolos arquitetônicos que revelassem a grandeza do momento e homenageassem

⁴ ENNE, Ana Lucia da Silva. Memória e identidade social. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2001, Campo Grande-MS. *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*. Campo Grande: INTERCOM, 2001. Disponível na internet via - repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4357/1/NP2ENNE.pdf - Acessado em 2022.

figuras que expoentes para a emergência do Centenário. Dessa forma, a celebração de 1922 se tornou um “espaço que visava ser a expressão visual de valores e ideais garantidores do acesso da nação centenária ao século XX” (MOTTA, 1922, p. 12).

A recuperação da memória por meio de elementos materiais é um processo legítimo. As construções históricas atribuem valor aos seus significados, traduzem a cultura, os valores e o cotidiano de um povo. “O monumento ahi está, na sua luminosa e expressiva allegoria, para dizer aos vindouros o pensamento e o sentimento do Rio Grande do Norte em 1922.” (IHGRN, 1922, p. 6-7)

Os processos de monumentalização são fundamentais na construção da história pública, que se manifeste nas configurações da cidade, em locais de circulação, atuando no fortalecimento da memória. A pedagogia mnésica é uma ferramenta que o historiador utiliza no combate ao esquecimento ou na disseminação de uma face deturpada do passado. Como afirma Pierre Nora, podemos perceber essas representações como espaços de memória que tem justamente a função de criar e manter um vínculo identificatório.⁵

Entretanto, esse modo de compreender os monumentos é apenas uma nas diversas possibilidades de interpretação, que se integra a uma tentativa de construir a representação de um passado preterido. Os significados atribuídos aos monumentos e a mensagem a ser transmitida por meio dos elementos visuais era de extrema importância para fomentar a construção de uma identidade potiguar. Por causa disso, nomes de importantes figuras se vincularam à materialização das obras.

O plano assentado pela administração consistia essencialmente na erecção de um modesto mas expressivo monumento, que ficasse para attestar aos posteros o sentir do nosso tempo, e festas populares, em que a nossa gente pudesse expandir o seu regosijo, elevando o coração á Pátria e esquecendo assim, nalguns dias rapipidos, as contingências da vida ordinária.” (IHGRN, 1922, p. 4-6)

⁵ NORA, Pierre. *Les lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

O Monumento à Independência: seu papel como parte da história material

O *Monumento à Independência* teve autoria do escultor pernambucano Bibiano Antão da Silva (1889-1969), que atuou no contexto brasileiro, sobretudo, na região do Nordeste. Ele estudou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA)⁶. A escolha de um artista da região Nordeste foi imprescindível para que houvesse a valorização de produções e expressões artísticas regionais. Foi uma escolha qualificada no que diz respeito a um monumento designado à celebração do centenário, que traduz as raízes da população norte-rio-grandense, inaugurado na praça Sete de Setembro, também conhecida como Praça da Independência na capital do Estado. Confira a figura 1:



Figura 01: Monumento da Independência

Fonte: CUNHA, Alícia. Monumento da Independência. 2022.

As celebrações foram realizadas pelo IHGRN e também pelo governador referente ao período, o Senhor Antônio José de Melo e Sousa, o qual demonstrou por meio de sua fala que houve um conjunto de esforços

⁶ Informações disponíveis em: http://bibianosilva.org/bibiano_pt/ Acesso em: 14 abril. 2022.

que foram desprendidos pelos diversos grupos sociais, movidos pelo sentimento nacionalista, para a execução e inauguração do monumento.

A magistratura, o clero, os representantes do exercito e da marinha nacionaes nesta capital, as forças estaduaes, as escolas, o magisterio, o commercio, o operario, a industria, a imprensa, o funcionalismo, as corporações mais diversas, todos collaboram com enthusiasmo nessas manifestações de patriotismo. E si quizerdes que vos aponte um exemplo desse enthusiasmo, em que todos se harmonizaram e nivelaram para honrar a Patria, sofre.⁷ (SOUZA, 1922)

O monumento retrata os heróis locais e homens ilustres da história nacional, sobretudo, no caso do retrato do Padre Miguelinho em um dos medalhões de bronze, além de apresentar inscrições latinas que reforçavam o sentimento nacionalista corrente no contexto. Esses personagens alcançam a condição de heróis mediante uma escolha deliberada, que é influenciada por uma série de fatores e intencionalidades políticas. Todo esse conjunto de símbolos reafirmaram as lutas da população potiguar e engrandeceram o sentimento patriótico e a identidade nacional que se pretendia construir.

Na base do monumento aparecem gravadas as seguintes inscrições latinas: "Potyguarensium genus / Duras naturae vices perferendo / Fortins factum / Et filiõrum robere fultum, / Erit semper termis sed indefessus / Patriae unitatis et magnifudinis / Factor..."⁸ (VIANA, 2019, p 23).

A simbologia que o monumento apresenta é interessante. Sua base se funda em um pedestal de granito, no seu eixo principal emergem duas figuras, uma feminina que representa a Pátria, e a outra masculina, traduzindo o Povo. A Pátria, por sua vez, aponta para um livro de História, indicando que o 7 de setembro de 1822 não pode ser esquecido. O Povo oferece à Pátria um ramo

⁷ RIO Grande do Norte. Mensagem lida perante o Congresso Legislativo na abertura da Segunda Sessão da Undecima Legislativa em 1º de novembro de 1922, pelo governador Antonio J. de Melo e Souza. Typ. Commercial - J. Pinto & C. - Natal. Foi mantida a ortografia original. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/873330/2788> Acesso: 14 abril. 2022.

⁸ O Rio Grande do Norte fortalecido pela luta contra a natureza e amparado pelo vigor dos seus filhos, será sempre um pequeno, mas incansável operário da união e da grandeza da Pátria. [...]. Sejam quais forem os seus cuidados, quer o infortúnio te atormente, quer a felicidade te eleve, terás sempre a Pátria entre os olhos: por ela darás a tua inteligência, as tuas forças e até a vida.

de louro, que representa a vitória e a paz no país. A espada que se encontra embainhada vem como elemento de defesa. (VIANA, 2019, p 23).

As multifaces da escultura também apresentaram modelos artísticos referentes à época, o que cumpriu com maestria a função de marcar a presença potiguar na celebração do Centenário de 1922. Entende-se, portanto, essa obra como um produto de um recorte específico da história brasileira e norte-rio-grandense, que possui contornos singulares e atribui sentidos próprios do contexto da celebração e do intuito político que se tinha enquanto Brasil República.

Com o maior brilhantismo possível”: Vibrando em sintonia, festejando em conjunto

Foi o Instituto Historico e Geographico a primeira vóz que, entre nós, se levantou para lembrar a necessidade de ser commemorado, com o maior brilhantismo possível, o transcurso do 1º centenário da nossa Emancipação politica. (IHGRN, 1922, p. 15)

As festividades compuseram a maior parte do centenário, visto que elas integraram diferentes esferas de grupos sociais, manifestações religiosas, artísticas e políticas. O papel que os festejos desempenhavam eram, de certa forma, a manutenção das continuidades do passado, visto que eles ressaltaram valores e normas de comportamento, fenômeno descrito como *invenção das tradições*⁹ por Eric Hobsbawm. Esses desdobramentos de celebração, ritualização e usos políticos do passado expressavam o desejo pela coesão e coletividade sociais, elementos que garantiram a legitimidade política. É preciso atentar-se que a comemoração cumpre o papel de ensinar ao presente as grandiosidades realizadas no passado, de modo que busca honrar figuras e tradições do período anterior.

Em cada ato específico, os membros do IHGRN buscavam sintonizar a elaboração das memórias históricas potiguares com brilhantismo. Toda a

⁹ HOBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997. p.271.

programação foi publicada, na íntegra, no jornal oficial *A República* de 3 de setembro, contendo as datas, horários, locais, e eventos, todos detalhados. Passemos a analisar algumas comemorações da chamada Semana da Pátria, ocorrida entre os dias 3 a 10 de setembro de 1922:

1 dia: 3 de Setembro, consagrado à *Colonização*: romaria cívica á velha fortaleza dos Reis Magos, por onde começou a mesma colonização, sendo alli collocada uma placa commemorativa da homenagem aos antepassados. Na tarde e noite porem realizaram-se regatas, passeio veneziano e outras diversões populares.

2 dia: No segundo dia, da *Prosperidade*: effectuaram se festas publicas promovidas pela Associação Commercial como representante das classes que a incrementam—a Agricultura, a Industria e o Commercio.

3 dia: No terceiro, consagrado á *Força*, representada pelas classes armadas, defensoras da soberania da Nação e garantias da ordem e da lei, festas numerosas e concorridissimas culminarem com as desportivas militares da praça Pio X e variada festa nocturna no theatro Carlos Gomes, com representação de Escoteiros, uma notável conferencia militar, cantos patrióticos e populares e apothese á Patria

4 dia: No quarto dia, das *Lettras e Artes*, romaria em homenagem á memória de nossa grande patricia Nysia Floresta, sessão litteraria ás 13 horas, grande concerto vocal e instrumental á noite.

5 dia: O dia seguinte, 7 de Setembro, *dia da Patria*, foi todo cheio com um regosijo e entusiasmo, de que a maioria de nós mesmos não nos julgavamos capazes. A solenne missa campal na avenida Rio Branco, a parada militar, a recepção official. o prestito civico, a inauguração do monumento na praça Sete de Setembro, o *Te Deum* e as diversões populares á noite, com cinematographo ao ar livre, fogos de artificio, musica nos jardins, foram concorridas pela maior parte da população da capital, alem de numerosas pessoas vindas de vários pontos do interior.

6 dia: No sexto dia, do *Trabalho*, com a procissão das escolas operarias pela manhan, missa campal na praça Sete o plantio solenne de um pau Brasil, lembrança sympathica e original dos operários á arvore histórica, prestito operário á tarde, sessões solennes das diversas associações da classe, alem das festas disportivas da tarde, o operariado de Natal provou com brilho não somente o seu extremado amor á Patria, mas a sua união e o seu adeantamento.

7 dia: O ultimo dia foi o do *Futuro*, isto é, daquelles que depois de nós virão trabalhar pelo engrandecimento do Brasil, a infancia escolar. E alem das festas isoladas em cada estabelecimento de ensino com diversões escolares, cantos e conferencias, a formatura de todas as escolas na praça Sete e o juramento solenne á Bandeira por todos os maiores de dez annos, á reunião á noite no theatro Carlos Gomes com o concerto vocal e instrumental e os hymnos patrióticos, admiravelmente entoados por mil e quinhentas creanças, o prazer e o entusiasmo evidentes desses depositários de esperanças certificam claramente que elles farão melhor do que nós.

8 dia: *O dia da Historia*, 10 de Setembro, domingo: Cinema campal na praça «7 de Setembro, Sessão magna do Instituto Historico: relatório official das solenidades. Encerramento da commemoração.

A's 20 horas celebrou o Instituto Historico a sessão solenne do encerramento, fazendo o orador da casa o resumo da commemoração do primeiro Centenário da Independencia Nacional no Rio Grande do Norte. Alem dessas festas do programa official, ainda se realizaram outras por iniciativa particular, entre as quaes reuniões e bailes. (IHGRN, 1922, p. 10-28)

Como podemos apreender nesse excerto, o ato comemorativo estava intrinsecamente ligado ao compromisso de memória e a um sentimento de coletividade de um povo que partilhava os mesmos interesses além de buscar um futuro tão bom quanto foi seu passado. O período recuado é construído como a junção de heróis que fortalecem apreço pela Pátria, é o produto de feitos de uma nação que agiu em conjunto em favor do progresso e elevação social, que é retomado no recorte presente como maneira de saudar com gratidão as dívidas pendentes com nossos antepassados tão impetuosos. Além disso, Michael Pollak retrata essa construção da memória como uma engenhosidade dos poderes sociais para elaborar identidade, tendo em vista que o autor acredita que haja uma ligação intrínseca entre memória e pertencimento.¹⁰

Nas entrelinhas a realização de festas cívicas é entendida como forma de manter o passado sempre acessível e por meio do estabelecimento de datas periodicamente comemoradas, eternizá-lo, além do caráter pedagógico que esses meios utilizam para acender no coração do povo o amor à pátria. Dessa maneira, as virtudes do civismo e do patriotismo são despertadas e reveladas pela capacidade didática-pedagógica das próprias atividades realizadas durante o festejo (COSTA, 2017, p 364).

A pluralidade de eventos propostos, a divisão de horários, dias e locais demonstra que a organização do Centenário foi pensada para que houvesse a participação massiva do povo potiguar. A nomenclatura dos dias

¹⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992.

amalgamou diversas esferas sociais e construía uma teia de significados que alcançam desde os homens de negócios e operários, até mulheres e crianças, nota-se que houveram esforços para a construção de um lugar comum a todos os que festejavam.

Por fim, a escolha de iniciar as comemorações no *dia da colonização* não pode ser vista de forma inocente e imparcial, esse era um momento oportuno para construir um sentimento patriótico de independência e rememorar o papel que o Rio Grande do Norte teve nesse processo.

Conclusões

É possível, sobremaneira, apreender algumas análises sob a ótica das memórias oriundas da comemoração do Centenário da Independência de 1922. O primeiro apontamento é a preservação do passado e patrimônio realizado nesta atividade por meio desses relatos. Se nota, de forma explícita tanto as vivências do Centenário, como no contingenciamento dessas memórias as manifestações de patriotismo desse povo potiguar.

O grupo que partilha desses repertórios intelectuais, morais e culturais seriam parte do quadro social que se pretendia construir para aquela nação. Procurava se estabelecer dentro das diversas memórias individuais, retomando agora o conceito de Halbwachs, uma memória coletiva e compartilhada, era, portanto, um projeto de nação proposto pela “geração de 1900”.

Evidentemente que essa busca por uma identidade republicana e regional é recorrente desde o início da república, entretanto, recorte de 1922 revela um tempo de empenho republicano para que se construísse uma identidade, além do cenário nacionalista de 1910-1920. Por causa disso houve o florescimento de ordem intelectual, artística e cultural, com a intenção de construir esse espaço de estruturação do passado. Os festejos do centenário e os símbolos arquitetônicos aqui expostos visavam por meio desses elementos

culturais e materiais atribuir significados e valores para a vida comum dessa gente potiguar. Elementos da história material, e da história das tradições são evocados para juntos, construírem a manutenção das continuidades do passado que desejavam ser retomadas.

Entende-se que o uso articulado e político do passado tem poder sobre a forma de agir, pensar e viver de um povo, por isso é importante entender o papel do Centenário de 1922 e a construção dos heróis nacionais como mecanismos políticos de influência. O ofício comemorativo pode ser notado como meio de transmissão de valores, neste caso, gerar na população sentimentos de amor e cuidado com a pátria, por meio de entusiasmadas celebrações.

Referências

ALVES, Fabíola Cristina. Monumento à Independência: uma obra de Bibiano Silva em Natal (RN). *19&20*, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 2, jul.-dez. 2021. <https://doi.org/10.52913/19e20.xvi2.05>

BONALDO, Rodrigo Bragio. *Comemorações e efemérides: ensaio episódico sobre a história de dois paralelos*. 2014. 314 p. Tese de doutorado (Pós-graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

COSTA, Bruno. Porque tem solenizado as famosas datas da nossa historia. In: Costa, Bruno. *A CASA DA MEMÓRIA NORTE-RIO-GRANDENSE: O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927)*. Porto Alegre: UFRGS, 2017

COSTA, B. B. A. da. A emergência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: como, para que e por quem foi criado. *Revista de História*, n. 179, p. 1-27, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160169>. Acesso em: 7 abr. 2022.

ENNE, Ana Lucia da Silva. Memória e identidade social. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2001, Campo Grande-MS. *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*. Campo Grande: INTERCOM, 2001. Disponível na internet via -

reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4357/1/NP2EN_NE.pdf - Acessado em 2022.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. A nova "Velha" República: um pouco de história e historiografia. *Revista Tempo*. Vol. 13, nº 26. Rio de Janeiro, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003. p.30.

HOBBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997. p.271.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro*: CPDOC, 1992. 18f.

NORA, Pierre. *Les lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992.

PROST, Antoine. A História se Escreve. In: *Doze lições sobre a história*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008, cap 7, p 235-252.

REVISTA DO IHGRN. Natal, RN: Typographia M. Victorino A. Câmara & C., volume XIX, ns. 1 e 2, 1922. 394p.

SILVEIRA, L. B.; BUENDIA, M. P. *Da invenção da tradição (ou de como os patrimônios nos inventam): notas sobre a patrimonialização do pastoreio na Espanha*.

VIANA, H. do N. A construção do espaço cívico: monumentos e rituais de memória na Natal republicana (1902-1922). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 27, p. 1-44, 2019, p. 22. DOI: 10.1590/1982-02672019v27e07. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/138800> Acesso em: 14 abril. 2022.

ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de História. *Saeculum*. Nº 6/7. João Pessoa, 2001, p. 105-117. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11268/6383>.